



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO “ARTE, RESISTÊNCIA E CIDADANIA:

**OS ARTISTAS DA BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE DE CERVEIRA E A
DEMOCRACIA”**

PALÁCIO DE SÃO BENTO – 19 ABRIL 2018

Sejam muito bem-vindos à Assembleia da República, Casa da Democracia e Casa de Cultura.

É com enorme gosto que a Assembleia da República acolhe esta exposição que nos foi proposta pela Bienal de Cerveira e à qual demos logo uma resposta positiva.

Esta inauguração ocorre no ano em que a Bienal faz 40 anos e a poucos dias de mais um 25 de abril.

O 25 de abril é de facto o princípio de tudo. Com o 25 de abril veio a liberdade mas também as condições para o exercício da liberdade.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Isso refletiu-se em vários domínios da vida nacional e isso foi evidente no domínio da cultura e da criação artística. Não é por acaso que a Constituição fala de forma expressa e autónoma nos direitos culturais.

E tal como os outros direitos constitucionais, ao longo destes 44 anos de democracia, é inegável que os direitos culturais tiveram uma assinalável concretização.

Nesse sentido, a par da institucionalização das políticas culturais no quadro das políticas nacionais, é justo realçar o contributo que as Câmaras Municipais deram à democratização da criação e da fruição cultural, possibilitando assim um acesso descentralizado e progressivamente universal à Cultura.

Esse contributo refletiu-se não apenas ao nível da preservação e promoção do património, onde certamente os municípios deviam ter competências reforçadas, mas também no apoio ao campo artístico, com o surgimento de novos equipamentos e de novos agentes.

A Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira é um bom exemplo disso. À vontade política aliou-se aqui o dinamismo do setor cultural, e em particular, é justo recordarmos, a visão de Jaime Isidoro, que em 1978 criou um evento que é hoje um marco no calendário das artes em Portugal.

Pela Bienal passaram ao longo dos anos nomes incontornáveis da arte contemporânea portuguesa. Da Coleção da Bienal fazem parte obras valiosíssimas, trabalhos do maior interesse no contexto da expressão artística do Portugal democrático.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Estamos a falar de uma Coleção que reúne nomes como Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Helena Almeida, Nadir Afonso, Paula Rego ou Pedro Cabrita Reis.

Graças a essa exposição itinerante vamos poder ver aqui alguns desses grandes nomes dessa grande coleção. É um privilégio, que será partilhado com todos os portugueses que nos quiserem visitar no próximo 25 de abril, dia em que, como é habitual, estaremos de portas ainda mais abertas.

Não posso terminar sem antes reafirmar aqui um compromisso, agora que estamos a caminho dos 50 anos do 25 de abril.

O compromisso de a Assembleia da República continuar a ser entidade promotora - e palco - da pluralidade das expressões artísticas, e em particular das artes plásticas.

Sinto que na última década os protagonistas das diversas artes têm vindo a perder voz no espaço público.

O reconhecimento dos pares e dos prémios internacionais nem sempre tem tido a devida correspondência no espaço público português.

Já sabemos que a revolução digital trouxe uma grande fragmentação aos consumos culturais.

Hoje somos cada vez mais convidados a consumir aquilo que já conhecemos, aquilo de que à partida mais gostamos. E nesse sentido, há aqui um paradoxo que é o facto de o aumento da diversidade da oferta não ter contribuído para um aumento da diversidade dos consumos.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Há uma crescente especialização técnica na vida contemporânea, e com isso perde-se um pouco o sentido da difusão democrática de uma cultura humanista, com prejuízo para a formação de uma cidadania forte.

Parece que o mundo das artes só é notícia quando há problemas nos concursos de financiamento. Isto representa um empobrecimento na qualidade do nosso espaço público.

É preciso reinventar essa ligação afetiva e essa capacidade de comunicação simbólica.

É um desafio para a comunicação social, em particular ao serviço público de rádio e televisão, mas um desafio também extensível aos próprios agentes culturais, que têm de ter presente que sem os seus públicos, sem essa permanente capacidade de despertar consciências e renovar métodos, deixam a sua atividade à procura de destinatário e de sentido.

É com este compromisso e com este apelo que termino a minha intervenção de boas-vindas, saudando a presença de todos.

Eduardo Ferro Rodrigues